



Páginas Azuis: o lugar da entrevista em profundidade no jornal O Povo¹

Raphaelle Christine Batista de Lima²

Ronaldo Salgado³

Resumo:

O artigo pretende discutir o lugar da entrevista em profundidade no jornal impresso, tomando como objeto três exemplos da seção Páginas Azuis, do jornal cearense O Povo. Baseado na questão "qual é o espaço reservado às grandes entrevistas nos jornais diários, especialmente no Ceará?", o intuito é analisar como se dá a experiência realizada em um dos principais periódicos de Fortaleza, atentando para a relação estabelecida entre os gêneros Entrevista e Perfil. Para isso, vamos considerar três entrevistas, a fim de identificar os traços de humanização e aprofundamento conseguidos num mesmo espaço, mas com tipos de personagem diferenciados: um anônimo, um político e um artista.

Palavras-chave: entrevista; perfil; diálogo; humanização; jornal o povo

Introdução

Conceituar a entrevista no âmbito da atividade jornalística é um desafio que muitos estudiosos tomam para si e, frequentemente, não conseguem chegar a uma conclusão. "(...) a palavra escapa", argumenta Stella Guedes Caputo, no livro *Sobre Entrevistas: teoria, prática e experiências*. A dificuldade está no momento de situar a prática cotidiana dos repórteres entre o gênero e a mera técnica. Segundo Mário Erbolato, "a entrevista é um gênero jornalístico que requer técnica e capacidade profissional, pois se não for bem conduzida redundará em fracasso" (1984, p. 138).

O foco deste artigo, portanto, é compreender o gênero entrevista como uma das manifestações mais complexas e instigantes do fazer jornalístico: a entrevista em profundidade. Em desuso na maioria dos grandes jornais diários país afora, a entrevista em profundidade permite aos leitores conhecer a figura do entrevistado de forma verticalizada, a partir de nuances pouco exploradas na factualidade das notícias e mesmo através de entrevistas maiores acerca de temas específicos.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Estudante Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) e Graduanda do 6º semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará. E-mail: raphallebatista@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: ronaldoufc@gmail.com



Para melhor entendermos isso, o artigo se propõe a analisar, por meio de estudo de caso, a seção Páginas Azuis do jornal O Povo, um dos principais periódicos do Ceará. A partir da escolha de três entrevistas realizadas nesse espaço da publicação (com a ambientalista e ex-senadora Marina Silva, o ator Antônio Abujamra e a proprietária de restaurante Zenilda Lopes Bezerra, a dona Zena), debateremos as características de cada uma, a fim de identificar os traços de aprofundamento e de humanização dos diferentes tipos de personagens (uma figura política, um artista e um anônimo). Humanização essa que é fundamental em outro gênero jornalístico, devidamente consagrado como conceito: o perfil. Nesse tipo de texto, o enfoque é, também, no personagem.

Para conduzir esta análise, cabem as perguntas: qual o lugar da entrevista em profundidade nos grandes jornais impressos? Que características aproximam um perfil jornalístico de uma entrevista aprofundada? De que maneira é possível humanizar um personagem por meio da entrevista em profundidade e do perfil? Com base nessas questões, o trabalho é composto de teorias sobre entrevista e perfil, além de informações sobre o processo de concepção, produção e edição das Páginas Azuis.

1. O que são as Páginas Azuis?

Grandes entrevistas no jornal O Povo não são propriamente uma novidade. Em cadernos como o de Política, do núcleo de Conjuntura, ou o de Cultura (Vida & Arte), no de Entretenimento, são feitas com alguma periodicidade, geralmente em edições maiores, como as de domingo, ou quando um assunto pede abordagem mais extensa. Contudo, desde que foi inserida, em 2 de junho de 2003, numa entrevista pingue-pongue com o economista e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT) Paul Israel Singer, as Páginas Azuis dedicaram-se a dar um espaço diferenciado para a entrevista dentro do periódico.

Segundo Érico Firmo, editor adjunto do núcleo de Conjuntura⁴, a seção é o único espaço dentro do jornal O Povo a dispensar duas páginas para uma entrevista. Em outros casos, é preciso autorização da chefia de Redação para que isso ocorra. Outros fatores que servem para elucidar o caráter especial das Azuis é que elas são publicadas semanalmente, sempre às segundas-feiras, no primeiro caderno, e geralmente sem disputar atenção com os anúncios.

⁴ Entrevista realizada em 7 de maio de 2011.



Érico afirma que o maior critério para a eleição de um entrevistado é o que determinada pessoa tem de conceito a apresentar para o leitor seja ideológico ou político, seja de história de vida. Nesse sentido, a escolha de quem será Páginas Azuis passa pela chefia da Redação em conjunto com a editoria da vez, dentro do rodízio feito entre Política, Esporte, Cultura, Fortaleza (Cidade) e Economia. Sendo assim, os personagens são de diversos segmentos da sociedade, em escala local e nacional, tais como jornalistas, artistas, políticos, economistas, advogados, estilistas, donos de bar etc., os quais tenham algo além do factual para oferecer.

Ao longo desses quase oito anos, e após 385 entrevistas realizadas⁵, a seção se consolidou pela abordagem do personagem, e não do fato, com a tentativa de desnudar cada entrevistado, passeando pelos fatos mais significativos da vida da *persona* escolhida. Ainda assim, segundo Érico, “há alguns personagens em que, quando você vai entrevistar, o momento se impõe”. Foi o caso do ex-governador de São Paulo José Serra, entrevistado em 2010, em que era impossível não questioná-lo sobre a perspectiva da candidatura à Presidência da República no ano seguinte, como de fato ocorreu.

De qualquer maneira, embora não esteja desatenta ao quê de factual acarretado por determinadas entrevistas, as Páginas Azuis se notabilizam pela sua característica não-factual. Prova disso é o cuidado quanto ao repórter que fará a entrevista. De modo geral, são os próprios editores ou os repórteres com mais experiência que as realizam.

A pauta, por sua vez, é discutida na mesma reunião em que o entrevistado é selecionado, em conjunto com a chefia e os editores. No entanto, o processo de produção – pesquisa sobre a trajetória do personagem, marcação da entrevista, tempo e condições em que ela vai ocorrer etc. – é executado pelo repórter. Ele tem autonomia para realizá-lo da forma como julgar melhor, e conforme o tempo que lhe for possível, visto que, além de produzir e realizar as Azuis, ele continua exercendo suas funções habituais dentro do jornal. Um exemplo foi a entrevista feita com o ator e diretor de Teatro e apresentador de TV Antônio Abujamra⁶, em que os repórteres do caderno Vida & Arte à época, Tiago Coutinho⁷ e Pedro Rocha, tiveram de conciliar as matérias cotidianas com as Páginas Azuis.

⁵ Número de entrevistas realizadas até a edição do dia 2 de maio de 2011.

⁶ Entrevista publicada em 10 de novembro de 2008.

⁷ Tiago Coutinho é, hoje, professor do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará, no Cariri, região sul do Ceará.



Outro aspecto importante da seção é que, na tentativa de mostrar o máximo de detalhes do entrevistado, é dado um destaque maior às imagens. De acordo com Érico, o fotógrafo deve estar em consonância com o repórter na busca pelos trejeitos, pelas expressões e pelos pormenores não-ditos do personagem. Além da narrativa textual da entrevista em si, as fotografias compõem uma narrativa visual que fica em evidência na diagramação das páginas, com a ampliação das fotos. “Tanto é que a entrevista é assinada por repórter e fotógrafo”, ressalta Érico.

A edição geralmente é de responsabilidade do repórter e do editor do caderno da vez. Mesmo dispondo de duas páginas, de acordo com Érico, é normal que se corte parte das entrevistas, em especial as mais extensas ou naquelas em que o entrevistado é muito prolixo. Esse trabalho fica a cargo de quem as realizou, mas a edição final é do editor. Para solucionar essa perda de conteúdo, a prática comum é disponibilizar uma versão, ampliada ou na íntegra, na internet.

2. Entrevista em profundidade: o diálogo é possível?

Antes de tomar a entrevista por procedimento jornalístico, é preciso lembrar que, acima de tudo, ela é uma prática humana. De acordo com A. Garrett, “todas as pessoas, de uma maneira ou de outra, são envolvidas na entrevista, ora entrevistando, ora sendo entrevistadas” (GARRETT *apud* MEDINA, 1986, p. 9). Essa prática, segundo Marcos Cripa, é “em sua essência o movimento de *querer saber*” (1998, p. 7). No entanto, consagrada como técnica elementar para o trabalho jornalístico, ela pode até partir da simples curiosidade, comum a todos nós, mas precisa obedecer a critérios técnicos e éticos para que seja validada no Jornalismo.

“A entrevista no Jornalismo (...) adquiriu uma expressão própria, particular, especializada. É conhecida também como reportagem provocada. Como quer que seja, é diferente da entrevista que faz o médico com seu cliente, do padre com o crente, do assistente social com o desempregado” (ERBOLATO, 1984, p. 139)

Em termos de técnica, Nilson Lage a define como forma clássica de apurar informações para os produtos jornalísticos (2005, p. 73). “É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de informações e a reconstituição de fatos” (idem). A questão ética diz respeito a uma série de cuidados enumerados por Cripa, especialmente na relação com a fonte. “Marcar uma entrevista sobre um assunto e



perguntar sobre outro é, no mínimo, desonesto. Embutir uma opinião na pergunta também não é recomendável” (1998, p. 10).

Do ponto de vista dos objetivos, Lage define quatro tipos de entrevista. São eles: ritual, temática, testemunhal e em profundidade. Esta é a que nos interessa. Segundo ele, o enfoque aí:

“(…) não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que ele desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida” (2005, p. 75)

Por meio da entrevista em profundidade, é tecido um retrato do personagem a partir de suas próprias impressões de si. Mas isso só é possível quando a entrevista permite uma aproximação tal entre entrevistador e entrevistado que, mais do que usar uma técnica comum para colher informações, acontece o que Cremilda Medina chama de “diálogo possível”.

Lage também classifica de modo semelhante essa entrevista, chamando-a de “dialogal”, quanto às circunstâncias em que é realizada. Para ele, “é a entrevista por excelência”. Além de fatores ambientais, como o lugar escolhido e a maneira como entrevistador e entrevistado devem ficar dispostos, ele chama atenção para o tom da conversa, que evolui a partir das perguntas do repórter, mas não se limita a elas (2005, p. 77).

Medina, por sua vez, põe a entrevista no campo do diálogo por entendê-la como “técnica de interação social” (1986, p. 9), capaz de quebrar os isolamentos grupais, individuais e sociais (idem). A autora enxerga, na entrevista, o poder de pluralizar as diversas vozes de uma sociedade, através da democratização da informação. Ela classifica a “entrevista-diálogo” da seguinte forma:

“Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema” (MEDINA, 1986, p. 15)

De acordo com ela, quando acontece o verdadeiro diálogo, “os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento de mundo e deles próprios” (MEDINA, 1986, p. 8). E, embora Medina se refira aos partícipes como sendo entrevistador e entrevistado, é possível falar de um terceiro, o



leitor, que também pode ser modificado a partir do verdadeiro diálogo alcançado entre repórter e personagem.

Para que o leitor seja incluído nesse diálogo, Caputo indica o caminho da interrogação por parte do jornalista, essencial para todos os tipos de entrevista. “Sobre o que julgo importante escrever? O que me incomoda na realidade que vejo? O que me desassossega?” (CAPUTO, 2006, p. 30). Respondidas essas questões, é mais provável que se encontre um caminho pelo qual, por meio de uma entrevista dialógica, o leitor também seja modificado e integrado socialmente. É claro que, na realidade de uma redação de jornal, isso nem sempre é possível. A pauta de uma entrevista, muitas vezes, não parte do repórter. No entanto, aí está um dos desafios para tornar a entrevista um verdadeiro diálogo: mesmo com as idiossincrasias que um entrevistado possa causar ao entrevistador, buscar uma aproximação real com essa pessoa é determinante para se conseguir uma boa entrevista.

Caputo explica melhor essa proximidade: “Quando o jornalista realiza bem essa aproximação, a entrevista se torna uma experiência. Uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro” (CAPUTO, 2006, p. 38). É essa experiência que diferencia a entrevista em profundidade daquelas praticadas no dia a dia, podadas pela urgência do fechamento, pelo tema da matéria, pelo pouco espaço na edição ou mesmo pela falta de interesse da empresa e do próprio jornalista em promover esse encontro.

Outro viés da entrevista em profundidade, quando realizada plenamente, é o artístico. Para o jornalista Ricardo Kotscho é difícil saber se ela é uma técnica ou uma arte (*apud* CAPUTO, 2006, p. 28). Mas por que a entrevista pode ser considerada arte? O que a diferencia de outros processos jornalísticos e, ao mesmo tempo, a situam nesse patamar? Medina é quem responde essas questões a partir do pensamento de A. Garrett, para quem o ato de entrevistar contém aspectos objetivos e subjetivos. Ele “identifica no entrevistar, acima de tudo, a *arte de ouvir, perguntar, conversar*” (MEDINA, 1986, p. 10). Em outras palavras, a arte de se relacionar. E é aí que está a marca do artista, ou do repórter. Segundo ela, “o entrevistador deve investir, de imediato, na própria personalidade para saber atuar nessa inter-relação criadora” (*idem*).

3. Perfil e Entrevista

Há muitas aproximações entre o gênero perfil e a entrevista em profundidade. Basta pensarmos nos textos que geralmente apresentam as grandes entrevistas ou mesmo nos perfis que foram escritos a partir de muitas e extensas conversas, com ou



sem a presença do perfilado. Contudo, a relação não se restringe a essas duas características. O interesse de quem se propõe a fazer um perfil e alguém que vai entrevistar de forma aprofundada, geralmente, é partilhado. “O que se deve ter em vista no perfil é o personagem” (VILAS BOAS, 2003, p. 18); como vimos, na entrevista em profundidade, também.

Além disso, segundo Sérgio Vilas Boas, quando o perfil é feito de modo a humanizar o personagem, preocupando-se mais em mostrar a *persona* do entrevistado, sem necessariamente se ater a um “gancho” factual, “o que vem à tona é o evento da entrevista, a vida do personagem, sua trajetória, seus altos e baixos” (2003, p. 11). Neste caso, a entrevista verticalizada é parte essencial do perfil, não só durante o processo de captação das informações, como técnica, mas para a composição do personagem, ambientação da conversa, apreensão das minúcias do entrevistado, riqueza da narrativa apresentada e identificação do leitor com o perfilado.

Outra ponte que pode ser feita entre entrevista em profundidade e perfil é quanto à participação do leitor no diálogo proporcionado pelo encontro. No perfil, bem como na entrevista dialógica, onde entrevistador e entrevistado de fato se aproximam, esse leitor passa a ter “empatia” com o perfilado.

“Os perfis cumprem esse papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor” (VILAS BOAS, 2003, p. 14)

Cremilda Medina classifica um tipo de entrevista que ilustra bem essa relação tão próxima do perfil com a entrevista em profundidade. A autora chama de Perfil Humanizado: “Essa é uma entrevista aberta⁸ que mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (1986, p. 18).

Erbolato, embora extremamente técnico, usa outra classificação para esse tipo de entrevista, mas também o reconhece: “Nas entrevistas de personalidade procura-se mostrar quais os hábitos de uma pessoa e suas ambições, ouvindo-a, e falando, se necessário, com seus parentes, amigos e vizinhos” (ERBOLATO, 1984, P. 144). Para

⁸ No caso, a autora não utiliza a palavra “aberta” se referindo ao tipo de entrevista sem perguntas previamente preparadas, mas no sentido de uma entrevista suscetível ao imprevisto, ao inesperado, à surpresa – como num diálogo, de fato, onde não se pode prever o que o interlocutor dirá. Prova disso é que ela atenta, no capítulo 4 de *Entrevista: o diálogo possível*, para a pauta: “Antes de abordar o trabalho de campo do repórter, isto é, a execução da entrevista, não se pode deixar de lado o processo de produção da informação jornalística. (...) o ponto de partida se chama, no jargão profissional, pauta” (1986, p. 21)



ele, essa entrevista somente interessa ao leitor quando se refere a alguém que se destacou por algum motivo (*idem*). O que, no caso dos perfis, nem sempre isso é tido como regra. Segundo o jornalista Edvaldo Pereira Lima, “o que se quer em uma boa reportagem é encontrar o protagonista que vai irradiar o contexto sociocultural, as raízes históricas de um fato” (*apud* VILAS BOAS, 2003, p. 18). Daí alguns jornalistas escolherem personagens “anônimos” para perfilar.

4. Entrevista em profundidade nas Páginas Azuis

Para demonstrar de que maneira é possível encontrar a entrevista em profundidade perfilando diversas figuras em jornais diários, vamos analisar três entrevistas da seção Páginas Azuis d’O Povo. Os entrevistados compõem tipos diferentes de personagem: um político (Marina Silva), um anônimo (Zenilda Lopes Bezerra) e um artista (Antônio Abujamra) e, portanto, as entrevistas se distinguem, apesar de seguirem padrões impostos pelo fato de serem publicadas numa mesma seção. Examinaremos os exemplos, pois, em busca de identificar as peculiaridades, os pontos de constância e as características de entrevista em profundidade e perfil, conforme as reflexões anteriores, presentes em cada um.

4.1. O Verde da Maturidade – Marina Silva

Pela ordem acima disposta, a primeira entrevista analisada é a da ex-ministra do Meio Ambiente e candidata à Presidência da República, Marina Silva, intitulada *O Verde da Maturidade*. Foi publicada em 02 de maio de 2011, e realizada pelo editor adjunto do núcleo de Conjuntura Érico Firmo e pelo fotógrafo Edimar Soares.

Marina Silva, destacada figura política brasileira, foi escolhida para ser entrevistada nas Páginas Azuis muito antes de a entrevista de fato acontecer. Segundo Érico Firmo, quando ainda era ministra, na época em que foi apontada pelo jornal britânico *The Guardian*, em 2008, como uma das 50 pessoas no mundo capazes de ajudar a salvar o planeta, já se pensava em tê-la como uma das perfiladas. “Quando propuseram o nome da Marina, achavam que ela já tinha sido entrevistada e eu disse: ‘Não, ela não foi’. Vimos a lista [de entrevistados] e ela não estava entre eles. Disseram: ‘Então é uma lacuna na história das Azuis’”.

A partir da escolha, na primeira oportunidade a entrevista foi marcada. Marina veio participar de um evento do Partido Verde (PV) – do qual é um dos principais nomes – em Fortaleza, e a entrevista foi agendada por intermédio de um dos dirigentes



da sigla na capital. Apesar da participação da ex-senadora no evento, esse caráter factual não foi usado como mote para a entrevista nas Páginas Azuis. Além de só ter sido publicada duas semanas depois, o que deu mais tempo ao repórter para a edição do material e invalidava o caráter factual do evento, a seção também preservou o interesse no personagem, não no fato.

Se o intuito das Páginas Azuis é revelar personagens que carreguem consigo conceitos ideológicos, políticos ou de histórias de vida, Marina encaixa-se perfeitamente. Além da eminência pública, a personagem é marcada por uma biografia perpassada por ideologia e política. Quando, no ato de entrevistar, o repórter deixa que ela mesma conte como se deu sua trajetória, a ex-ministra refaz o percurso que a levou ao *status* atual.

“Tinha saído do seringal com 16 anos. Tinha me alfabetizado pelo Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Tinha feito educação integrada, que equivalia ao primário. E tinha iniciado o postulante na Casa Madre Elisa, e a quinta série do ginásio normal no Instituto Imaculada Conceição. As freiras foram as pessoas que me acolheram. Uma parte delas era bem conservadora. E outra parte, uma parte pequena, era ligada à Teologia da Libertação. E foi através desse encontro com a Teologia da Libertação que eu comecei a me interessar pela política. No início, não a política partidária, mas a política de entender que a gente tinha um papel na sociedade, que a gente deveria se organizar. E que as pessoas que eu tinha deixado lá – minha família, os amigos, meu pai, meus vizinhos, índios, tinham seus direitos. Que a gente, naquela época, estava a maior parte sendo expulsa das terras. Porque os fazendeiros compravam os seringais que tinham sido abandonados pelos antigos patrões. Os fazendeiros compravam e expulsavam os seringueiros, que estavam lá, agora, como posseiros. Então, eu comecei a me interessar por essa luta.” (O VERDE DA MATURIDADE, Jornal O Povo, Edição 27.732. Fortaleza, 02 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2011/05/02/noticia/paginasazuisjornal.2193788/o-verde-da-maturidade.shtml>)

Apesar de ter o personagem em primeiro plano, e no caso de Marina Silva, talvez por causa disso, a entrevista não se detém somente às questões pessoais, mais íntimas que formam a *persona* – como poderia se esperar, por exemplo, numa abordagem de sua vida familiar, seus hábitos, gostos etc. Ao contrário, explora, num segundo momento, a posição política dela, questionando passagens significativas da vida pública da entrevistada, como a saída do PT, e outras mais recentes, como a atitude adotada por ela no PV, além de suas opiniões acerca de temas atuais.



Um detalhe dos bastidores, segundo Érico Firmo, é que a entrevista aconteceu quase de surpresa para a entrevistada. Embora o encontro tivesse sido acertado, por meio do representante do PV em Fortaleza, a ex-ministra não havia sido informada. Por esse motivo, o repórter teve de se adaptar ao tempo reduzido que a personagem lhe cedeu: o combinado era uma hora, mas a conversa acabou durando pouco mais de 30 minutos. É também a esse tipo de abertura que Cremilda Medina se refere quanto à entrevista que se propõe a fazer um Perfil Humanizado. Os imprevistos, mesmo quando tudo está planejado, sempre podem acontecer, e o entrevistador deve estar atento para que a possibilidade do diálogo não se perca.

Outro aspecto interessante da entrevista de Marina Silva às Páginas Azuis está na apresentação do texto. Para gerar mais empatia com o leitor, o jornalista ressaltou o fato da ex-senadora ser filha de cearenses. Além de antecipar a história de vida da personagem para retomá-la depois, na primeira pergunta.

“Pedro Augusto da Silva chegou ao Acre em 1945. Era o último ano da Segunda Guerra Mundial. Nascido em Messejana, no Ceará, ele integrava a leva final dos chamados “soldados da borracha” legião de egressos do Nordeste brasileiro que seguiram para os seringais da Amazônia para extrair borracha, como parte do esforço de guerra. Foi ali, distante do Estado natal, que conheceu Maria Augusta da Silva, também cearense, nascida em Paracuru. De lá nunca voltaram. Ele, aos 84 anos, está até hoje no Acre. Ela morreu cedo, aos 36 anos. Tempo suficiente para ter 11 filhos, oito dos quais sobreviveram. Um deles, Maria Osmarina Silva de Souza.” (O VERDE DA MATURIDADE, Jornal O Povo, Edição 27.732. Fortaleza, 02 de maio de 2011. Disponível em: http://www.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2011/05/02/noticia/paginasazuisjornal_2193788/o-verde-da-maturidade.shtml)

O Verde da Maturidade é, pois, uma entrevista em profundidade se comparada àquelas normalmente realizadas em outros cadernos do jornal O Povo, pelo cuidado com que foi feita e pela preocupação em gerar um diálogo entre a personagem e o leitor, apontando traços importantes da trajetória de Marina. Por meio dessa entrevista, é possível perceber a representação de mundo, a atividade que ela desenvolve e um importante viés da maneira de sua maneira ser, como diz Nilson Lage.

4.2. Feijão Maravilha – Dona Zena

A segunda entrevista a ser apreciada é a *Feijão Maravilha*, com a personagem Zenilda Lopes Bezerra, famosa por emprestar o nome ao Restaurante da Zena, na



capital. Foi realizada em 20 de dezembro de 2010 pelo repórter do caderno Vida & Arte Marcos Sampaio e pela fotógrafa Georgia Santiago.

Logo na apresentação da perfilada, Marcos anuncia o passeio pelas histórias de vida da retratada, sua relação com a cidade, a família e a trajetória sofrida. Enunciando que, naquela entrevista, o “conceito” trazido pela personagem eleita para a seção está na sua biografia.

“Entre risos e lágrimas, ela foi passeando pela sua história, desde a saída de Quixadá, ainda pequena, na companhia da avó, até os dias de hoje. As lembranças vêm sem muita preocupação com a cronologia. Extrovertida, elétrica e gesticulando bastante, ela também deixou suas impressões sobre o Centro da Cidade, espaço que ela conhece já há mais de 40 anos. “Quantas vezes não vim da Beira Mar a pé? Nunca ninguém disse nada”.” (FEIJÃO MARAVILHA, Jornal O Povo, Edição 27.603. Fortaleza, 20 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2010/12/20/noticia/paginasazuisjornal.2080221/zena-feijao-maravilha.shtml>)

O restaurante que virou reduto boêmio em Fortaleza fez de dona Zena uma figura popular na capital. No entanto, comparada a outros tipos públicos, como políticos e artistas, Zena é considerada uma “anônima”. Nem por isso a entrevista deixou de ser realizada nas Páginas Azuis. O valor simbólico dos personagens comuns que fazem parte da história da cidade, bem como as trajetórias individuais, justifica a presença dela na seção e gera identificação por parte do leitor.

Por meio do tom informal da entrevista, é possível perceber a personalidade simples, os traços de “eletricidade” e “sensibilidade” de dona Zena, anunciados por Marcos no texto de apresentação da entrevista. A impressão que se tem é de que a conversa é despreziosa, do tipo que qualquer freguês teria com a entrevistada.

“**OP** - Aproveitando que você falou nisso, como é a sua rotina?”

Zena - Eu acordo às 5 horas e, ou vou pro mercado ou eu vou caminhar. Vou de carro ou pra Beira-Mar ou pro Colégio Militar. Até dia de domingo eu caminho. Tem uma pessoa que vai pro mercado pra mim. Quando ele não pode ir, eu vou. Mas, quando eu tenho muita encomenda de festa, eu chego aqui 4 horas. Eu caminho uma hora e volto pra cá (pro restaurante). Seis horas eu já estou aqui e já vou começar a trabalhar.” (FEIJÃO MARAVILHA, Jornal O Povo, Edição 27.603. Fortaleza, 20 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2010/12/20/noticia/paginasazuisjornal.2080221/zena-feijao-maravilha.shtml>)



Ao contrário da entrevista de Marina Silva, as questões ideológicas são deixadas de lado. O que interessa aqui é a vida cotidiana da personagem, detalhes de sua rotina, seus afetos, valores, os detalhes que compõem a figura comum e, ao mesmo tempo, peculiar.

“OP - Você falou muito em sua mãe e ainda não falou do pai.

Zena - É, pai separado... Ele ficou no Interior, não cuidou muito da gente. Ele arranhou outra, como a mamãe também teve outro marido. Hoje, todos dois (os pais) estão falecidos. Mas o meu pai... Só ficou o nome de pai.

OP - Ficou mágoa?

Zena - Muita gente ficou (magoada). Eu não. Se eu fosse viver do passado, eu não viveria, porque é muita coisa. (Zena faz uma pausa emocionada e continua) Em 1999, minha mãe morreu e eu fiquei dando as coisas ao meu pai. Nunca perdi o contato com ele. Eu ia fazer visita a ele em Cipó dos Anjos, (distante) sete léguas de Quixadá. Eu não sei ter só meu”. (FEIJÃO MARAVILHA, Jornal O Povo, Edição 27.603. Fortaleza, 20 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2010/12/20/noticia/paginasazuisjornal.2080221/zena-feijao-maravilha.shtml>)

Segundo Cremilda Medina e Stela Caputo, a entrevista transforma-se num diálogo quando dá ao leitor a sensação de intimidade, de aproximação entre entrevistado e entrevistador. Nesse caso, é exatamente isso o que ocorre. O repórter toma para si a descontração da entrevistada e torna a entrevista uma conversa natural, quase um bate-papo.

4.3. Abu! ele adora, ele odeia – Antônio Abujamra

A última entrevista a ser analisada é uma não-entrevista com o ator e diretor de Teatro e apresentador de TV Antônio Abujamra. Conseguida à custa de muitos palavrões e até ofensas pessoais dirigidas aos repórteres Pedro Rocha e Tiago Coutinho, ambos do caderno Vida & Arte à época, foi publicada no dia 10 de novembro de 2008 e teve a assinatura fotográfica de Rodrigo Carvalho.

Motivo de polêmica entre a chefia, o ombudsman, uma parcela de leitores e até representantes do Sindicato dos Jornalistas do Ceará (Sindjorce), a entrevista aconteceu por ocasião de uma passagem de Abujamra por Fortaleza para duas apresentações de seu monólogo *O Provocador*, versão teatral do programa do entrevistado na TV Cultura há mais de dez anos.

No entanto, apesar de o enfoque não ser esse, ao contrário da entrevista de Marina Silva, os repórteres partiram do fato para a abordagem do personagem, que neste caso não se sabe se é mesmo real ou fictício.



“No começo da noite anterior, ele havia apresentado na cidade seu monólogo *O Provocador*, espetáculo em que faz uma versão teatral de seu programa de mesmo nome na TV Cultura, no ar há 8 anos. Um dos maiores diretores e atores do Brasil (para pôr-lhe no pescoço dois de seus superlativos), Abujamra foi aplaudido de pé pela platéia presente ao teatro: ‘Ontem, depois que terminou o espetáculo, as pessoas tavam aplaudindo demais, me deu uma vontade de falar assim: ‘De joelhos! De pé eu não quero mais!’’, mas não tive coragem. Era muito bonito, nera?’” (ABU! ELE ADORA, ELE ODEIA. Jornal O Povo. Edição de 10 de novembro de 2008, Fortaleza. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/www/opovo/paginasazuis/834239.html>)

Na busca por revelar o perfilado, o texto de abertura da entrevista é impregnado de impressões dos repórteres acerca das condições em que a conversa aconteceu e, também, sobre Abujamra. O que, para um perfil – ainda que em forma de pingue-pongue –, é importante para situar o leitor quanto ao clima daquela entrevista e à personalidade do personagem.

“Ele estava sentando em um sofá no hall de um hotel na Beira Mar, sozinho como uma esfinge de cabelos cinza e impaciente: decifra-me ou eu te fodo. Um velhaco a coser labirintos de enigmas. “Daqui eu não me levanto”, falou dando nome aos bois, o que naquela hora pareceu certa extravagância para arrefecer tensões - engano. “Se quiser tirar foto, te vira”, disse ao fotógrafo Rodrigo Carvalho, a quem mostraria ao longo da entrevista seu lado demoníaco em caretas debochadas. Um bruxo corcunda de suspensórios ou, com menos firula, Abujamra.” (ABU! ELE ADORA, ELE ODEIA. Jornal O Povo. Edição de 10 de novembro de 2008, Fortaleza. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/www/opovo/paginasazuis/834239.html>)

Para um dos repórteres da controversa entrevista, Tiago Coutinho, aquele era mais um personagem do entrevistado. “Não entramos ou não entendemos o jogo dele. Aquilo tudo era encenação. Ele tava vendo até onde nós íamos. Ele tinha 77 anos, nós 23. Tínhamos, por ele, uma admiração”, conta. Personagem ou não, Abujamra fez do espaço destinado à entrevista um palco em que ele era o protagonista e os entrevistadores, os coadjuvantes. Tal como em alguns tipos de perfil, nos quais os repórteres fazem parte da narrativa sobre o perfilado, os jornalistas tiveram papel de destaque no retrato conseguido de Abujamra.

Por meio de ofensas pessoais, críticas às perguntas lançadas, insultos ao fotógrafo e deboche à estudante que acompanhava a entrevista, Abujamra mostrou-se



mais humano possível. Para quem odeia dar entrevistas, ele provocou e foi provocado à exaustão.

“**OP** - Na hora de uma entrevista, você é um ator também?
Abujamra - Vai tomar no teu cu, antes que eu me esqueça. Eu sei lá se eu sou ator ou se eu não sou. Se eu sou isso ou se eu sou aquilo. Você acha o que você quiser que eu não dou a mínima importância. Fale o que você quiser. Ele finge! Ele não finge! Eu sei lá o que eu sou. Sei lá. Tenho 77 anos de idade, eu sei lá o que eu vou fazer depois. Tem horas que eu trabalho, tem horas que eu não trabalho. Eu sou um fudido privilegiado, que pensa em fazer o Rei Lear, mas não faz. Sou um fodido privilegiado, porque de repente me chamam para fazer um trabalho. Vocês são insuportáveis. E ainda me perguntam as coisas que me perguntam há 50 anos. As mesmas coisas. Eu queria que vocês caminhassem no incerto, como pede Pascal. Tudo bem, vocês nunca leram Pascal, mas saiam aí nas ruas e sintam-se mais inseguros. Agora vocês chegarem para mim e perguntar essas coisas que vocês me perguntam. Eu se fosse chefe de vocês colocava vocês na rua. Tem que ser outra coisa. É outro conceito. Tem que mudar. Pegar essas informações da internet e usar. Tem que fazer isso. Eu estou agredindo muito vocês. Eu espero que essa agressão mereça uma atenção, para quando vocês forem falar com outras pessoas, não façam perguntas vulgares e ridículas como essas que vocês estão fazendo para mim. Estou sendo chato?” (ABU! ELE ADORA, ELE ODEIA. Jornal O Povo. Edição de 10 de novembro de 2008, Fortaleza. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/www/opovo/paginasazuis/834239.html>)

Nesse sentido, a tentativa de promover uma humanização do entrevistado por meio de uma entrevista em profundidade fica, de certa forma, comprometida. Ela se cumpre na medida em que ele próprio se mostra na entrevista, mas deixa de ser realizada no momento em que, por causa dessa exposição, da forma como se dá, os pormenores acabam escapando e, mais uma vez, tem-se o entrevistado no papel de provocador, não no de Abujamra. “Tivemos a intenção de humanizar o Abujamra, mas só fizemos isso por meio de um personagem”, sublinha Tiago.

Para além das discussões éticas que podem ser levantadas sobre essa entrevista, é preciso analisá-la a fim de identificar as características de uma entrevista em profundidade ou “perfil humanizado”, segundo a classificação de Medina. Olhando por esse ângulo, é possível pensar que, em parte, ela humaniza o personagem. A questão é: consegue revelá-lo?

5. Considerações Finais

Ainda que não seja exercida de maneira ideal, observando todas as características de produção, execução e edição esperadas, é possível afirmar que há ao



menos uma tentativa, por parte de um grande jornal cearense, de se promover a entrevista verticalizada ou, como chama Cremilda Medina, o “perfil humanizado”. Essa experiência vem sendo realizada há quase oito anos no jornal O Povo por meio das Páginas Azuis, com erros e acertos, desvios acidentais e propositais do caminho.

O destaque dado ao personagem seja de qual segmento for, o lugar cativo na publicação, a participação do executivo da Redação, a escolha de repórteres teoricamente mais preparados e a opção por entrevistados cujo conteúdo sobreviva além do factual, mostram, pelo menos, uma preocupação em reservar um lugar de honra à entrevista em profundidade.

Pela repercussão das Páginas Azuis a cada segunda-feira, pode-se ter uma noção do impacto dessa iniciativa para o leitor que, em meio à enxurrada de informações que recebe diariamente de todos os meios de comunicação, está sempre disposto a parar e (re) conhecer o outro.

Referências

- CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas**: teoria, prática e experiências. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COUTINHO, Tiago. ROCHA, Pedro. Abu! ele adora, ele odeia. **Jornal O Povo**. Edição não identificada. Fortaleza, 10 de novembro de 2008. <Disponível em <http://www.opovo.com.br/www/opovo/paginasazuis/834239.html>> Último acesso em 12 de maio de 2011.
- ERBOLATO, Mário L. Técnicas de Codificação em Jornalismo. Petrópolis: Vozes, 1984.
- FIRMO, Érico. O Verde da Maturidade. **Jornal O Povo**. Edição 27.732. Fortaleza, 2 de maio de 2001. <Disponível em <http://www.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2011/05/02/noticiapaginasazuisjornl.2193788/o-verde-da-maturidade.shtml>> Último acesso em 12 de maio de 2011.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.
- SAMPAIO, Marcos. Feijão Maravilha. **Jornal O Povo**. Edição 27.603. Fortaleza, 20 de dezembro de 2010. <Disponível em <http://www.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2010/12/20/noticiapaginasazuisjornal.2080221/zena-feijao-maravilha.shtml>> Último acesso em 12 de maio de 2011.
- VILAS BOAS, Sérgio. Perfis e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.